

A FÁBULA COMO GÊNERO LITERÁRIO EM SALA DE AULA

Wanderson Diego Gomes Ferreira

Maria Betania Ipolito Alves

Zélia Monteiro Bora

Universidade Federal da Paraíba

Resumo: O presente trabalho objetiva um estudo sobre a importância da fábula em sala de aula. Compreendendo que a fábula une a interação entre a ideia de oralidade e o imaginário objetivando um fim educativo através de acontecimentos didáticos. Como um gênero narrativo a fábula encontra-se caracterizada pela sua didaticidade, cujas funções motivam o desenvolvimento cognitivo emocional ideológico da criança. Este trabalho baseado nos estudos de Elma Jane Santos (2012), Luís Carlos Silva, Vilma Cunha (2012) e Renan Lima, Lúcia Regina Rosa (2012) onde todos abordam a temas semelhantes com a da pesquisa dando assim ênfase nas pesquisas que abordam gêneros narrativos. Este trabalho tem como recurso metodológico a revisão bibliográfica de artigos, além dos supracitados, que fundamentem um panorama sobre o uso da fábula como ferramenta pedagógica. Partindo desse pressuposto o projeto aplicou esta “ferramenta” em sala de aula e este trabalho tem o intuito ser um relato dos resultados alcançados. Os resultados parciais desta pesquisa compreendem que o ensino da literatura com auxílio do gênero fábula pode e deve ser considerado com um importante subsídio pedagógico no processo introdutório dos estudantes, pois as fábulas que muitas vezes recorrem a ludicidade para o desenvolvimento e passagem dos ensinamentos e “morais” podem chegar mais facilmente aos alunos em sala de aula.

Palavras chaves: Ensino; Gênero textual; Fábula.

Abstract: This paper aims to study concerning about the importance of tale into the classroom. Having the understanding that tale gets together the interaction between the idea of orality and imaginary focusing an education end throughout educational events. As a narrative gender, tale is characterized for its self teaching way which this function motive ideological emotional cognitive development of a child. This paper is based on the study of Elma Jane Santos (2012), Luis Carlos Silva, Vilma Cunha (2012) and Renan Lima, Lucia Regina Rose (2012) where all they have similar themes to the research thus giving emphasis in research on narrative gender. This paper has as a methodological resource the biographic article review, in addition to the papers that have been already said, that support an overview of the use of the fable as a pedagogical tool. Based on this assumption this project applied this "tool" into the classroom and this research intended to be a report of the achieved results. Partial results of this research include the teaching of literature with a help of the tale gender can and should be considered an important subsidy teaching in the students' introductory process, as the tales that often resort to playfulness to the development and passage of the teachings and "moral" can easily reach students in the classroom.

Keywords: Teaching; Textual Gender, Tale.

Introdução

O presente artigo é produto de estudos sobre Gêneros Literários em Sala de Aula, a partir de um projeto de extensão da UFPB, intitulado Literatura e Ecocrítica, coordenado pela professora Dra. Zélia Bora, mais dois bolsistas e um voluntário. Com ênfase na utilização dos gêneros literários na sala de aula este trabalho aponta a fábula como forte veículo de complemento no processo de aplicação pedagógica durante o Ensino Fundamental.

Através dos estudos e discussões realizados nas reuniões do projeto, com a coordenadora, os bolsistas e a voluntária, notamos uma insuficiência no ensino da literatura em sala de aula, esta carência diz respeito não a materiais pedagógica, tais como livros e apostilas, mais a uma organização de pensamentos a serem utilizados para uma plena compreensão e uma fácil assimilação desta disciplina na sala de aula, pois é de conhecimento de todos que a literatura apresenta-se como uma das mais importantes disciplinas para a formação do leitor.

É importante apresentarmos inicialmente o conceito de fábula. Entendemos fábula como sendo

uma narração que se divide em duas partes: a narração propriamente dita, que é um texto figurativo, em que os personagens são animais, homens, etc.; e a moral, que é um texto temático, que reitera o significado da narração, indicando a leitura que dela se deve fazer. A fábula é sempre uma história de homens, mesmo quando os personagens são animais. (PLATÃO & FIORIN, 2000, p.398)

Inserir essas ideias na conclusão do trabalho, ou seja tá tudo bem entretanto, há uma necessidade de adaptação da fábula as exigências contemporâneas especialmente, no que se refere as diferenças entre animais humanos e não humanas e a veemente necessidade de projetar-se animais como sujeitos que possuem existência diferente dos seres humanos, mutio embora tenham direito a vida e ao respeito.

Esta pesquisa conta com uma etapa pratica onde os conhecimentos adquiridos na primeira etapa foram aplicados como recurso didático em sala de aula, em escolas publica ou privadas do município de João Pessoa. Iremos relatar a partir desse ponto como se deu essa experiência desde a preparação das aulas ate os resultados frente aos alunos.

Serão descritos as metodologias e resultados de três das 06 aulas aplicadas. Foram escolhidos 04 fábulas para serem trabalhadas, são elas: O Leão e o Ratinho, O Menino do “Olha o Lobo”, O menino e as rãs ambas atribuídas a Esopo e A Galinha Ruiva recontada por Penryhn Coussens.

Quando uma criança entra na escola o objetivo do educador a priori é contribuir para formar um ser pensante. Tendo essa realidade como pano de fundo, o professor empenha-se na produção de ferramentas pedagógicas para atingir seus objetivos de uma educação melhor. Entre as diversas características que compõem a fábula podemos destacar: a sua capacidade de transmissão de ensinamento trazendo quase sempre no final da história uma moral e a narrativa que se apresenta em forma de dialogo com textos curtos possibilitando aos outros leitores, como já foi falada anteriormente, uma fácil assimilação de conhecimento.

É importante abordar neste texto tal como foi-se trabalhado em sala de aula a origem das fábulas. Surgidas no Oriente as fábulas foram aos poucos sendo reinventadas para o Ocidente pelo Grego Esopo, escravo que viveu aproximadamente no século VI a. C. Foi apontado como o pai da Fábula como gênero literário mesmo utilizando-se apenas da tradição oral para dissemina-las.

Esopo criava histórias que abordavam assuntos “humanos”, mais utilizava como exemplo a ação dos animais tomando um papel alegórico, apesar das ações serem apresentadas desta forma não se excluía a participação de homens, deuses e mesmo coisas inanimadas todos com poder de voz. Os Personagens falam, erram, são sábios ou tolos, bons, ruins adotando características humanas, ou seja além de abordar temas humanos as fábulas de Esopo, adaptando os animais à postura humana frente as adversidade do dia-a-dia.

Somente cerca de duzentos anos após sua morte, no ano de 325 a.C. seus escritos foram organizados por Demétrio de Faleros, ou pelo menos os escritos que foram a ele atribuídos. Sabe-se que Esopo serviu de base para escritores tal como nos mostra Yokomizo em seu artigo *Fábula: Proposta de Trabalho em Sala de Aula*

As fábulas de Esopo, contadas e readaptadas por seus continuadores, como Fedro, La Fontaine e outros, tornaram-se parte de nossa linguagem diária. "Estão verdes", dizemos quando alguém quer alcançar coisas impossíveis - o que é a expressão que a raposa usou quando não conseguiu as uvas... Esopo nunca escreveu suas histórias. Contava-as para o povo, que encarregou-se de repetí-las. Mais de duzentos anos

depois da morte de Esopo é que as fábulas foram escritas, e se reuniram às de vários Esopos. (YOKOMIZO, *Sine Data*, p. 8-9)

Apesar de inicialmente a disseminação das fábulas no ocidente ser atribuída a Esopo foi com o Francês Jean de La Fontaine que elas tomaram força e estabeleceram-se com forte cunho artístico e educacional para a nossa sociedade. As fábulas perderam no decorrer dos anos a característica que era inicialmente dos Mitos Gregos, a mutabilidade e adaptabilidades de acordo com as localidades onde elas são apresentadas.

A partir de La Fontaine as fábulas passaram a perder a sua característica oral apresentando-se fortemente como texto escrito e impresso atitude que cristaliza em partes a história.

Com La Fontaine os animais continuam sendo apresentados com características humanas, porém agora eles são trabalhados como símbolo. Irene Machado nos apresenta alguns exemplos desta simbologia: "a formiga representa o trabalho; o leão simboliza a força; a raposa, a astúcia; o lobo, o poder despótico" (MACHADO. 1994. P.57).

O segundo conceito a ser escolhido para a pesquisa foi o de Barbara Carvalho (1982), onde ela afirma que a fábula tem a finalidade de ensinar e divertir através de acontecimentos imaginários. A mesma ainda apresenta o conceito fábula como "vocábulo latino, pertence ao mesmo radical de falar que tem dupla finalidade: instruir e divertir". (CARVALHO, 1971, p.128).

Primeira aula

A aula iniciou-se com a apresentação do gênero literário fábula, a partir de seus conceitos e características. Logo após houve a apresentação da primeira fábula, uma fábula com características mais simples, com clareza para um fácil entendimento com o propósito de fixar as características abordadas na teoria. A Fábula escolhida para ser apresentada na primeira aula foi *A Galinha Ruiva* de Penryhn Coussens.

A Galinha Ruiva

Um dia uma galinha ruiva encontrou um grão de trigo.

- Quem me ajuda a plantar este trigo? - perguntou aos seus amigos.

- Eu não - disse o cão.

- Eu não - disse o gato.
- Eu não - disse o porquinho.
- Eu não - disse o peru.
- Então eu planto sozinha - disse a galinha. - Cocoricó!
E foi isso mesmo que ela fez. Logo o trigo começou a brotar e as folhinhas, bem verdinhas, a despontar. O sol brilhou, a chuva caiu e o trigo cresceu e cresceu, até ficar bem alto e maduro.

- Quem me ajuda a colher o trigo? - perguntou a galinha aos seus amigos.
- Eu não - disse o cão.
- Eu não - disse o gato.
- Eu não - disse o porquinho.
- Eu não - disse o peru.
- Então eu colho sozinha - disse a galinha. - Cocoricó!
E foi isso mesmo que ela fez.

- Quem me ajuda a debulhar o trigo? - perguntou a galinha aos seus amigos.
- Eu não - disse o cão.
- Eu não - disse o gato.
- Eu não - disse o porquinho.
- Eu não - disse o peru.
- Então eu debulho sozinha - disse a galinha. - Cocoricó!
E foi isso mesmo que ela fez.

- Quem me ajuda a levar o trigo ao moinho? - perguntou a galinha aos seus amigos.
- Eu não - disse o cão.
- Eu não - disse o gato.
- Eu não - disse o porquinho.
- Eu não - disse o peru.
- Então eu levo sozinha - disse a galinha. - Cocoricó!
E foi isso mesmo que ela fez. Quando, mais tarde, voltou com a farinha, perguntou:

- Quem me ajuda a assar essa farinha?
- Eu não - disse o cão.
- Eu não - disse o gato.
- Eu não - disse o porquinho.
- Eu não - disse o peru.
- Então eu asso sozinha - disse a galinha. - Cocoricó!
A galinha ruiva assou a farinha e com ela fez um lindo pão.

- Quem quer comer esse pão? - perguntou a galinha.
- Eu quero - disse o cão.
- Eu quero - disse o gato.
- Eu quero - disse o porquinho.
- Eu quero - disse o peru.
- Isso é que não! Sou eu quem vai comer esse pão! - disse a galinha. - Cocoricó.
E foi isso mesmo que ela fez.

Moral: Se queremos dividir a recompensa, devemos compartilhar o trabalho.

Após a leitura **iniciaram-se** as reflexões a cerca da moral da historia, com estas reflexões surgiram pontos importante como a boa vontade da galinha em chamar os outros animais para participar dos trabalhos e em contraponto mostrando a preguiça, ociosidade e má

vontade dos outros animas. Surgiu o questionamento sobre a comparação destas ações em relação ao ser humano com o ato de desejar tudo fácil, já pronto sem querer ter contato com o processo de “fabricação”. O objetivo da leitura desta fábula foi alcançado, pois houve uma interação dos alunos gerando o questionamento “Isto é que é literatura?”. Com o surgimento desta questão veio o confronto comparativo do que existia na fábula e as características deste gênero literário.

Durante a discussão alguns alunos ressaltaram que esse tipo de atividade acontece em sala de aula com frequência, durante o ato do trabalho em grupo, o professor passa o trabalho para certo grupo de alunos e durante o processo de execução existem alguns indivíduos que somem durante a execução ou simplesmente escorra-se no grupo aparecendo somente para receber os resultados, mesmo sem ter feito nada. Os alunos abordaram o tema da injustiça, aqueles que trabalharam recebem as mesmas notas daqueles que nada fizeram.

Segunda aula

Dando continuidade aos trabalhos iniciamos lendo nossa segunda fábula, O Leão e o Ratinho de Esopo.

O leão e o ratinho

Um leão, cansado de tanto caçar, dormia espichado debaixo da sombra boa de uma árvore. Vieram uns ratinhos passear em cima dele e ele acordou. Todos conseguiram fugir, menos um, que o leão prendeu debaixo da pata. Tanto o ratinho pediu e implorou que o leão desistiu de esmagá-lo e deixou que fosse embora. Algum tempo depois o leão ficou preso na rede de uns caçadores. Não conseguindo se soltar, fazia a floresta inteira tremer com seus urros de raiva. Nisso apareceu o ratinho, e com seus dentes afiados roeu as cordas e soltou o leão.

Moral: Uma boa ação ganha outra.

Dando continuidade sobre as discussões da primeira aula sobre a atitude de contribuir para que algo seja realizado, esta fábula nos traz a moral de que “uma boa ação ganha outra” gerando um complemento as discussões da primeira aula. A partir das reflexões destas fábulas foram lembrados questionamento que estavam presentes na nossa ultima aula como, por exemplo: a imobilidade dos personagens da fábula A Galinha Ruiva.

No decorrer de nossas reflexões sobre a fábula alguns alunos iniciaram um discussão sobre estatura, ou seja, tamanho não quer dizer nada, que mesmo o leão sendo forte, grande e temido por todos possui compaixão de permitir que o ratinho pequeno e aparentemente frágil ir embora. Mais em outro momento quando este mesmo ratinho encontra o leão em perigo vai ajuda-lo, como prova de gratidão.

Esta reflexão entre os alunos incitaram os comentários sobre o ato de ajudar sem olhar a quem. Trazendo um conhecimento humanístico entre os seres que aparentemente tem diferenças distintas, porém ambos executam as funções que lhe cabem no meio. A leitura desta fábula atingiu seu objetivo que era o de demonstrar a necessidade de boas ações.

Terceira aula

Hoje na aula fizemos a leitura de duas fábulas com temáticas diferentes, porém apresentavam morais que se complementavam. A primeira fábula a ser lida foi O Garoto do “Olha o Lobo” de Esopo onde nos deparamos com a seguinte moral: Os mentirosos podem falar a verdade que ninguém acredita.

O garoto do "olha o lobo"

Um pastorzinho que cuidava de seu rebanho perto de um povoado gostava de se distrair de vez em quando gritando:

- Olha o lobo! Socorro! Olha o lobo!

Deu certo umas duas ou três vezes. Todos os habitantes do povoado vinham correndo ajudar o pastorzinho e só encontravam risadas diante de tanto esforço. Um dia apareceu um lobo em carne e osso. O menino gritou desesperado, mas os vizinhos achavam que era só brincadeira e nem prestaram atenção. O lobo pôde devorar todas as ovelhas sem ser perturbado.

Moral: Os mentirosos podem falar à verdade que ninguém acredita.

A segunda fábula trabalhada neste dia foi O Menino e as Rãs também de Esopo que apresenta como moral nossos Prazeres não devem prejudicar os outros.

Os meninos e as rãs

Uns meninos capetas estavam brincando na beira de um lago quando viram algumas rãs nadando no raso. Para se divertir, começaram a jogar pedras nas rãs e mataram uma porção. Cansada daquela história, uma das rãs pôs a cabeça para fora da água e disse:

-Chega, chega! Por favor! O que para vocês é distração, para nós é a morte!

Moral: nossos prazeres não devem prejudicar os outros.

Tendo feito a leitura destas duas fábulas e comentando as duas morais, a primeira do menino mentiroso e a segunda do menino que gosta de matar rãs ambas abordando assuntos que certa semelhança para o nosso dia a dia. Após refletir sobre as morais surgiram discussões dos alunos sobre o tema da mentira. Ressaltando a máxima de que Mentira tem perna curta e que as mesmas não duram por muito tempo sempre aparecendo em algum momento. Também se foi falado que a mentira é um caminho para a perdição como a do menino da fábula que perdeu todas as suas ovelhas sem ter como impedir os lobos por não obter nenhuma ajuda, pois pensavam que ele estaria contando a mesma mentira de sempre.

Juntamente com a segunda moral foi-se abordado temas mais “profundos” entre eles devemos destacar a temática do *Bullying*. Tendo como base o conceito de *Bullying* presente na Revista Escola Abril que o apresenta com uma situação “que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas.”.

Sabendo disso os alunos criaram um paralelo entre a atitude agressiva do menino da fábula e a atitude agressiva das pessoas que praticam *Bullying*, citando acontecimentos vivenciados por colegas dizendo que certas atitudes são desumanas como na fábula é dito “O que pode ser distração para uns para outros não é”. Tendo estes maus tratos como acontecimentos muitas vezes irreversíveis.

A leitura destas duas fábulas atingiu um nível de dialogo interessante, superando nossas expectativas por tratar-se de temas recorrente, que são: a mentira, o ato de prejudicar os outros e o *Bullying*. Criando um avanço de conhecimento favorável para o desenvolvimento destes alunos.

Considerações finais

Durante as experiências praticas, experimentamos a fábula como meio pedagógico e compreendemos a mesma como sendo detentora de características que facilitam a assimilação, e a produção de discussão por trabalhar temas de conhecimento de todos.

Portanto propomos aos professores e profissionais que por ventura tenham interesse, a utilização de fábulas no contexto de suas salas de aula. Porém, é de suma importância salientarmos a relevância da autoria e da independência do aluno nas discussões, pois acreditamos que o papel do professor é muito mais o de conduzir as discussões do que propô-las, ou seja, a proposição por parte do professor tem de ser motivado pela ausência total da participação dos alunos.

Outro elemento das fábulas que foi destacado é a forma linguística das mesmas que apresentam em sua maioria uma linguagem de fácil acesso e, portanto de fácil compreensão. O projeto continuará exercitando as práticas no intuito de ampliar estas discussões.

Portanto concluímos afirmando que a utilização das fábulas ampliam os campos pedagógicos dos professores de literatura do ensino infanto-juvenil. Utilizando um recurso literário como instrumento pedagógico e didático. O fator de aproximação, tanto no conteúdo como no nível linguístico utilizado usualmente, auxilia a apreciação e aceitação por parte dos alunos, como também no desenvolvimento das discussões.

Referencias Bibliográficas

BAKHTIN, Michail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Maria E. G. G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CARVALHO, Barbara Vasco. **Compêndio de Literatura Infantil**. São Paulo: IBEP Instituto brasileiro de edições pedagógicas, 1971.

_____. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. 2 ed. São Paulo: Edart, 1982.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Texto e Interação**. São Paulo: Atual, 2000.

ESOPO. **Fábulas completas**. Trad. de Neide Smolka. São Paulo: Moderna, 1994.

FERREIRA, H. R. M. **Os sujeitos da enunciação do gênero discursivo "contrato de empresas de saúde". Quem são?**. In: XII Congresso nacional de Linguística e Filologia, 2008, Rio de Janeiro. XII Congresso nacional de Linguística e Filologia, 2008.

LA FONTAINE, J. **Fábulas de La Fontaine**. Belo Horizonte. Editora Itatiaia, 1992.

MACHADO, Irene A. **Literatura e redação: os gêneros literários e a tradição oral**. São Paulo: Scipione, 1994

PLATÃO e FIORIN. **Para entender o texto**. São Paulo: Ática, 2000.

YOKOMIZO, Viviane Vieira. **Fábula: Proposta de Trabalho em Sala de Aula**. UEL, 2007.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, J.P. Do professor suposto pelos PCNs ao professor real de Língua Portuguesa: São os PCNs praticáveis? In: ROJO, R. **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. São Paulo: Educ. 2005, p. 149-182.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 41. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KLEIMAN, Ângela. Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. 9. ed. São Paulo: Pontes, 2004.